



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE O USO PELOS ACADÊMICOS DA UTFPR-DV

ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN HIGHER EDUCATION: A STUDY ON ITS USE BY STUDENTS AT UTFPR-DV

DOI: 10.5281/zenodo.22700875



Leticia Franchin Ruthes¹

Adriana Sbardelotto Di Domenico²

RESUMO

Este trabalho analisa o uso da Inteligência Artificial (IA) por acadêmicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV). Referencial Teórico: A IA disseminou-se amplamente nos últimos anos e suas ferramentas digitais tornaram-se relevantes em diversas áreas, inclusive no meio acadêmico. Seu emprego na aprendizagem pode trazer benefícios, mas exige atenção à dependência, à falta de autonomia intelectual, à superficialidade do conhecimento e às questões éticas, como o plágio. Método: A pesquisa, de caráter descritivo, foi realizada em julho de 2026, com 68 acadêmicos da UTFPR-DV, por meio de formulário eletrônico enviado aos participantes por e-mail. Resultados e Discussão: Os resultados mostraram que 95,5% dos participantes utilizam IA, principalmente o ChatGPT (92,3%) e o Gemini (83,0%). As principais finalidades são resolver problemas (78,4%) e buscar informações (72,3%), sobretudo para economizar tempo (81,5%) e melhorar a compreensão dos conteúdos (76,9%). Entre os principais desafios apontados estão a geração de informações incorretas (73,8%), o risco de dependência (64,6%) e as preocupações com a privacidade dos dados (61,5%). Implicações da Pesquisa: Conclui-se que a IA é percebida pelos acadêmicos como suporte à aprendizagem, mas seu uso requer orientação e capacitação para evitar prejuízos ao raciocínio, à resolução de problemas e às habilidades de leitura e interpretação. Originalidade/Valor: O panorama do uso da IA por acadêmicos da UTFPR-DV contribui para subsidiar discussões e orientar práticas de uso crítico e responsável da tecnologia no meio acadêmico.

Palavras-chave: Educação superior; ética; dependência; ferramentas tecnológicas.

1 Acadêmica do curso de Agronomia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, Paraná, Brasil. E-mail: leticiafranchinruthes@gmail.com.

2 Professora, Doutora em Engenharia Agrícola, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, Paraná, Brasil. E-mail: domenico@utfpr.edu.br.





ABSTRACT

This study analyzes the use of Artificial Intelligence (AI) by students at the Federal Technological University of Paraná – Dois Vizinhos Campus (UTFPR-DV). Theoretical Framework: AI has spread widely in recent years, and its digital tools have become relevant in several fields, including academia. Its use in learning can bring benefits but requires attention to dependency, lack of intellectual autonomy, superficial knowledge, and ethical issues such as plagiarism (MOSSIN et al., 2025). Method: The descriptive research was conducted in July 2026 with 68 students from UTFPR-DV, through an electronic form sent to participants by email. Results and Discussion: The results showed that 95.5% of participants use AI, mainly ChatGPT (92.3%) and Gemini (83.0%). The main purposes are problem-solving (78.4%) and information seeking (72.3%), especially to save time (81.5%) and improve content comprehension (76.9%). The main challenges identified include the generation of incorrect information (73.8%), risk of dependency (64.6%), and concerns about data privacy (61.5%). Research Implications: It is concluded that AI is perceived by students as a support for learning, but its use requires guidance and training to avoid harm to reasoning, problem-solving, and reading and interpretation skills. Originality/Value: The overview of AI use by UTFPR-DV students contributes to supporting discussions and guiding practices for critical and responsible use of technology in academia.

Keywords: Higher education; ethics; dependency; technological tools.

1. INTRODUÇÃO

A IA insere-se como um elo entre diferentes áreas do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento de competências críticas, criativas e tecnológicas nos estudantes, contribuindo para uma educação integradora e interdisciplinar, capaz de articular diferentes conteúdos, culturas, trabalho, até mesmo humanismo e tecnologia (RAMOS, 2010).

Dessa forma, para os discentes a IA pode ser usada como ferramenta facilitadora aos estudos, disponível a qualquer momento do dia, desde que se tenha acesso a internet, porém seu uso indiscriminado pode trazer consequências negativas, atrofiando a capacidade própria de resolução de problemas, trazendo prejuízos no desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, de pensamento crítico e de resolução de problemas, bem como pode inferir em questões éticas, tais como plágio e possibilitar aumento das desigualdades sociais (MOSSIN et al. 2025; CAMPOS, LASTÓRIA, 2020).

Da mesma forma, a IA está exercendo impacto direto sobre a formação dos estudantes e nos processos formativos da educação profissional e tecnológica, em que, além de ser uma nova ferramenta, suas funcionalidades demandam reflexão sobre os rumos da educação,

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 9 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





considerando aspectos como ética, autoria, interdisciplinaridade e inclusão (MOSSIN *et al.*, 2025). Portanto, é importante que sejam feitos estudos visando a conhecer a forma como os acadêmicos interagem com a IA, uma vez que a ferramenta pode interferir significativamente no futuro da educação, tanto de forma positiva quanto de forma negativa, podendo trazer resultados indesejados. Diante desse cenário, em que atualmente a IA é um recurso importante no ambiente acadêmico que traz, simultaneamente, oportunidades e desafios, este estudo teve como objetivo analisar a utilização da IA pelos acadêmicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Dois Vizinhos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Inteligência Artificial (IA) constitui um campo de pesquisa da ciência da computação e da engenharia de software dedicado ao desenvolvimento de algoritmos, modelos e sistemas capazes de planejar ações para alcançar objetivos, executar tarefas de forma autônoma e realizar atividades tradicionalmente atribuídas às funções cognitivas humanas (TRINDADE, OLIVEIRA, 2024). Lapin (2021) define a IA como o campo de estudo e tecnologia capaz de realizar processos intelectuais e humanos, como raciocínio, reconhecimento de padrões e aprendizado, sendo um dos objetivos da IA tornar os computadores mais úteis. Ademais, o autor afirma que é um campo que tem atraído atenção crescente de pesquisadores de diversas áreas.

A IA surgiu nos anos 1950 com o Teste de Turing e foi oficialmente nomeada em 1956 na Conferência de Dartmouth, organizada por John McCarthy. Após um início promissor, enfrentou limitações tecnológicas que levaram ao “inverno da IA”. Já nos anos 1970 e 1980, destacaram-se os Sistemas Especialistas, baseados em regras, mas devido ao alto custo sua aplicação ficou restrita (SOBREIRA, 2025).

Em paralelo, surgiu a vertente conexionista, inspirada no cérebro humano, que só ganhou força no século XXI com o avanço computacional e as redes neurais profundas, onde se teve o desenvolvimento do Deep Learning e, em 2017, do modelo Transformer, que





revolucionou áreas como reconhecimento de imagens e processamento de linguagem natural, culminando em modelos de larga escala como o ChatGPT (2022), capazes de interagir de forma próxima à comunicação humana (SOBREIRA, 2025). Assim, apesar da IA ter surgido há algumas décadas, seu uso massivo aconteceu apenas mais tarde, conforme Mossin *et al.* (2025) essa expansão ocorre a partir de 2022, impulsionada pelas IAs generativas, como o ChatGPT, o Gemini e diversas outras.

Azambuja e Silva (2024) e Campos e Lastória (2025) afirmam que a IA pode atuar como uma ferramenta de apoio à aprendizagem personalizada e autônoma, oferecendo acesso a tutoriais e possibilitando a criação de textos, a elaboração de sínteses, a resolução de exercícios e problemas, além da produção de imagens, podcasts, vídeos e apresentações. Também pode auxiliar em pesquisas, na correção ortográfica, na construção de mapas mentais, em análises estatísticas e em diversas outras atividades acadêmicas. No entanto, os autores ressaltam a necessidade de cautela no uso dessas tecnologias, a fim de evitar a superficialidade do conhecimento e a dependência excessiva delas.

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho iniciou-se com uma ampla revisão da literatura sobre as abordagens gerais da IA no ambiente acadêmico. Foi elaborado o projeto de pesquisa e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UTFPR-DV. Após a aprovação do mesmo, foi realizada a pesquisa. O público alvo foram acadêmicos(as) dos cursos: Agronomia, Engenharia Florestal, Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, Engenharia do Software, Bacharelado em Biologia, Licenciatura em Biologia e Zootecnia da UTFPR-DV, regularmente matriculados e com 18 anos ou mais, onde a participação se deu de forma voluntária, mediante convite enviado por e-mail, contendo um formulário Google, composto por um roteiro estruturado de perguntas, precedido pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a coleta de dados, foi realizada a tabulação dos mesmos, seguida de análise e interpretação pelo método de estatística descritiva com auxílio de tabelas e gráficos produzidos em planilha de dados do Excel.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 9 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





No processo de elaboração e revisão deste artigo, utilizou-se ferramentas de Inteligência Artificial generativa (Chat GPT 5.6, Copilot da Microsoft e Assistente de Inteligência Artificial do Google) como apoio auxiliar em diferentes etapas, incluindo a revisão linguística, auxílio na tradução do resumo e conferência das citações e referências. O uso da ferramenta ocorreu em momento posterior à pesquisa e à tabulação dos dados, não tendo sido empregado para produzir os dados, substituir a análise das autoras ou definir os fundamentos teóricos e metodológicos do estudo. Todas as sugestões geradas pelas IAs foram analisadas criticamente, selecionadas, adaptadas e validadas pelas autoras, que assumem integral responsabilidade pela autoria, interpretação dos resultados e pela versão final do trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa obteve 68 respostas de acadêmicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos, com predominância de jovens (70,5%) com faixa de idade entre 18 e 22 anos; 29,2% tinham entre 23 e 42 anos, e houve um participante com 74 anos, evidenciando que, embora haja diversidade etária (18 a 74 anos), o público participante foi majoritariamente jovem. Essa maior participação de jovens na pesquisa se correlaciona com a literatura, que aponta maior engajamento de estudantes universitários mais jovens no uso de tecnologias emergentes, como a IA (TEIXEIRA, 2025).

Dentre os acadêmicos participantes, observou-se maior número do curso de Engenharia de Software (39,7%), seguidos pelos cursos de Agronomia (16,1%) e Engenharia Florestal (14,7%). Os demais cursos apresentaram menor representatividade entre os participantes: Zootecnia (10,2%), Licenciatura em Ciências Biológicas (8,8%) e Bacharelado em Ciências Biológicas (2,9%). A expressiva participação dos acadêmicos de Engenharia de Software sugere que a familiaridade desses estudantes com a área tecnológica e com a IA pode ter influenciado o interesse em participar da pesquisa, cuja temática central foi avaliar o uso da Inteligência Artificial pela comunidade acadêmica da UTFPR-DV. No que se refere ao uso de IA, 95,5% dos participantes afirmaram utilizá-la, enquanto 4,5% declararam não



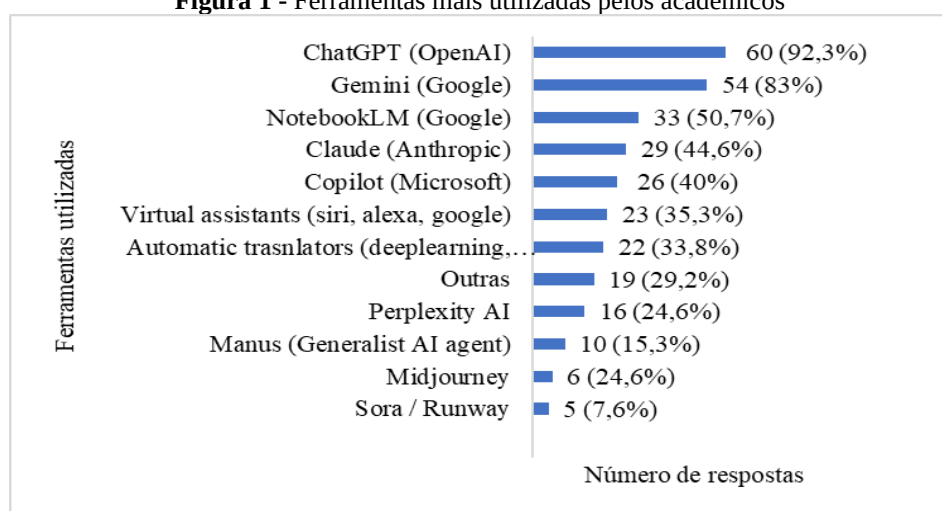


utilizá-la. O número de acadêmicos utilizadores é bastante expressivo em relação ao de não utilizadores, o que demonstra um amplo engajamento do ambiente acadêmico da UTFPR-DV com as ferramentas de IA. Diante desse quantitativo, a discussão a seguir será apenas a partir das respostas dos participantes que utilizam a IA (95,5%).

Entre as ferramentas de IA mais utilizadas pelos participantes, conforme se observa na Figura 1, destacam-se o ChatGPT (92,3%) e o Gemini (83,0%), seguidos pelo NotebookLM (50,7%) e pelo Claude (44,6%). Segundo Openai (2026) o ChatGPT destaca-se pela versatilidade na produção de textos e explicações, enquanto o Gemini se sobressai pela integração com o ecossistema Google e acesso contextualizado a informações atualizadas, já o NotebookLM contribui para a organização de conteúdos, e o Claude enfatiza segurança e ética nas respostas. Esses resultados nos permitem inferir que os participantes priorizam ferramentas voltadas à interação textual e ao suporte acadêmico, ao invés das ferramentas voltadas para recursos multimídia como Mid Journey ou Runway, que tiveram baixa adesão.

Ademais, a predominância do ChatGPT e do Gemini, segundo Picalho *et al.* (2025), pode ser explicada pela ampla divulgação destas IA, pela fácil acessibilidade e interface amigável, o que consolida essas plataformas como referência no uso cotidiano.

Figura 1 - Ferramentas mais utilizadas pelos acadêmicos



Fonte: autoria própria (2026).



Quanto às atividades realizadas com IA, observa-se na Tabela 1 que os usos mais frequentes estão relacionados a resolver problemas (78,4%), buscar informações (72,3%) e produzir relatórios (67,6%). Além disso, há uso significativo na execução de tarefas acadêmicas, como criar estudos dirigidos e realizar trabalhos acadêmicos (ambos com 66,1%). De acordo com Picalho, Oliveira e Cativelli (2025), esses dados reforçam o papel da IA como ferramenta de apoio à produtividade acadêmica, ampliando a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem. Por outro lado, destaca-se também o uso para lazer e diversão (66,1%), o que demonstra que a IA não está restrita à rotina acadêmica, mas já integra o dia-a-dia dos jovens.

Tabela 1 - Atividades que os acadêmicos utilizam a IA

Atividades que utilizam IA	Nº de respostas
Resolver problemas	51 (78,4%)
Como um google	47 (72,3%)
Produzir relatórios	44 (67,6%)
Criar estudo dirigido	43 (66,1%)
Lazer/diversão	43 (66,1%)
Fazer trabalhos acadêmicos	43 (66,1%)
Aprender novos conteúdos	39 (60%)
Criar textos	38 (58,4%)
Criar imagens	36 (55,3%)
Criar vídeos	36 (55,3%)
Dicas de jogos	28 (43%)
Resumir textos	25 (38,4%)
Traduzir conteúdos	25 (38,4%)
Melhorar a escrita (correção ortográfica)	24 (36,9%)
Criar gráficos ou tabelas	16 (24,6%)
Planejar estudos e trabalho	12 (18,4%)
Programação, automação e desenvolvimento de software	7 (10,76%)
Criar músicas	1 (1,5%)

Fonte: autoria própria (2026).

A frequência de uso das ferramentas de IA é elevada, pois mais da metade dos participantes (55,3%) diz utilizar diariamente, enquanto 35,3% dizem usar algumas vezes por

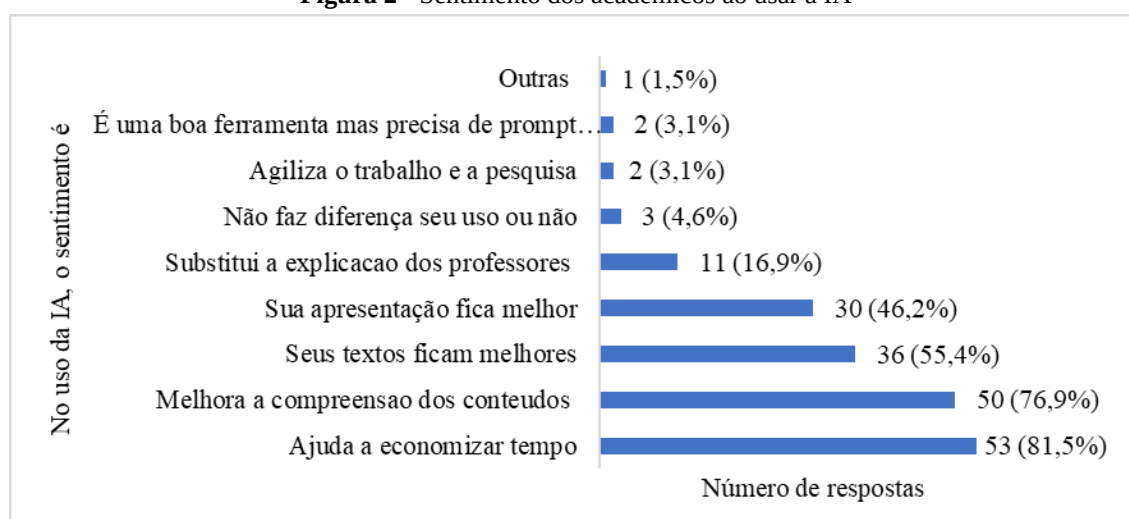




semana e apenas 9,2% afirmam que raramente usam, o que reforça a ideia de que atualmente a IA, além de estar bem inserida no meio social, também está presente no meio acadêmico.

Quanto às percepções dos pesquisados sobre o uso da IA, conforme a Figura 2, a maioria relatou que a IA ajuda a economizar tempo (81,5%) e melhora a compreensão dos conteúdos (76,9%), além de contribuir para a qualidade dos textos (55,4%) e das apresentações (46,2%). Esses apontamentos caracterizam a IA como um importante suporte ao meio acadêmico.

Figura 2 - Sentimento dos acadêmicos ao usar a IA



Fonte: autoria própria (2026).

Por outro lado, em relação às dificuldades ou problemas já vivenciados com o uso da IA, Tabela 2, apesar da ampla adesão e dos benefícios percebidos pelos participantes, estes relataram desafios importantes relacionados como: a ocorrência de informações incorretas (73,8%) e a geração de referências inexistentes (55,3%); problemas que comprometem diretamente a confiabilidade dos dados em contextos acadêmicos. Além disso, quase metade dos estudantes (49,2%) apontou dificuldade em elaborar prompts adequados, o que evidencia a necessidade de desenvolver competências específicas para interagir de forma eficaz com essas tecnologias.



Tabela 2 - Dificuldades ou problemas que os acadêmicos já tiveram com a IA

Dificuldades/problemas	Nº de respostas
Informações incorretas	48 (73,8%)
Referências inexistentes	36 (55,3%)
De elaborar o prompt de forma a obter a resposta adequada	32 (49,2%)
Dependência excessiva da ferramenta	12 (18,4%)
Nunca teve	10 (15,3%)
Dificuldade em entender como funciona	7 (10,7%)
A IA dizia que sabia as regras, sabia citá-las, mas não seguia elas	1 (1,5%)
Geração de débito técnico	1 (1,5%)

Fonte: autoria própria (2026).

Outro ponto relevante, retratado na Tabela 2, foi a preocupação de 18,4% dos participantes com a dependência excessiva da ferramenta, o que indica que parte dos estudantes reconhece o risco de se apoiar exclusivamente na IA em detrimento de suas próprias habilidades. Segundo Lopes *et al.* (2026), essa percepção reforça a importância de promover o uso crítico e consciente, garantindo que a IA seja vista como um recurso complementar, e não como a única ferramenta promotora da aprendizagem.

A grande maioria dos participantes afirmou que costuma verificar se as respostas fornecidas pela IA estão corretas (69,2%), enquanto 26,1% o fazem apenas às vezes e apenas uma pequena parcela (4,6%) declarou nunca realizar essa checagem. Isso indica que, embora haja confiança nas ferramentas, os estudantes reconhecem a necessidade de validação, o que demonstra uma postura crítica diante das limitações já apontadas, como informações incorretas e referências inexistentes.

Lopes *et al.* (2026) destacam que as IAs generativas, como ChatGPT e Gemini, podem produzir informações imprecisas e enviesadas devido à ausência de uma compreensão mais aprofundada, que vai além da leitura literal da temática abordada, isso, dado o caráter de “caixa-preta” de seus processos internos e ao risco de reprodução acrítica de preconceitos e dados incorretos.

Quanto à opinião sobre como a IA deve ser utilizada, observando a Figura 3, prevalece a visão de que ela deve atuar como apoio à aprendizagem (78,4%), reforçando seu papel

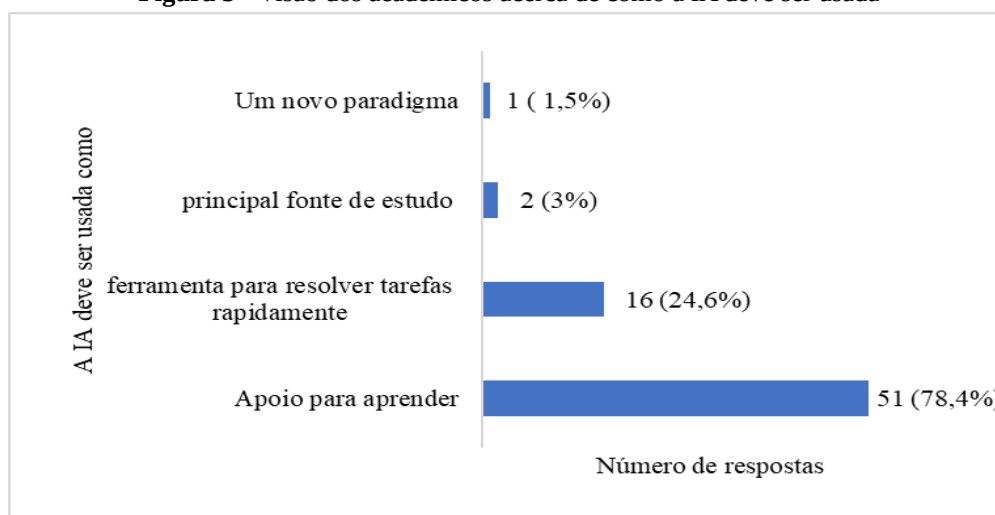




complementar no processo educacional e evidenciando que, para a maioria, a IA não substitui o ensino tradicional mediado por educadores humanos, mas funciona como recurso auxiliar que potencializa a aprendizagem e otimiza o tempo. A maioria dos participantes acredita que a IA pode melhorar a forma de aprender, tanto que 40% destacaram que ela facilita o acesso às respostas e possibilita aprender com elas, enquanto outros 40% ressaltaram a existência de novas ferramentas de aprendizagem proporcionadas pela IA. Mas, em contrapartida, 18,4% consideraram que a IA pode piorar a aprendizagem, já que o acesso rápido às respostas reduziria o esforço cognitivo necessário para construir conhecimento.

Quanto à possibilidade de dependência, 64,6% afirmaram que sim a IA pode nos tornar dependentes, enquanto 30,7% consideraram que talvez essa hipótese seja possível. Apenas uma pequena parcela (4,7%) negou essa possibilidade. Esse dado reforça a preocupação já identificada em outras partes da pesquisa, em que alguns estudantes relataram receio de se apoiar excessivamente na ferramenta, enquanto a percepção de risco de dependência sugere que, embora a IA seja amplamente aceita como apoio pedagógico, há consciência crítica sobre seus limites e a necessidade de equilibrar seu uso com o desenvolvimento de habilidades próprias.

Figura 3 - Visão dos acadêmicos acerca de como a IA deve ser usada



Fonte: autoria própria (2026).



Embora a maioria dos estudantes reconheça os benefícios da IA, também emergem preocupações significativas, o receio mais recorrente nas respostas é a possibilidade de dependência excessiva (29,6%), seguida por questões ligadas ao uso inapropriado (5,5%), à perda do senso crítico (5,5%) e à confiança extrema sem validação das informações (9,2%). Além disso, alguns participantes manifestaram preocupação com o vazamento de dados de pesquisa (3,7%) e de que a IA possa ser utilizada por empresas para fins de controle populacional (5,5%), o que reflete inquietações éticas e sociais.

Também foram mencionados riscos, como a possibilidade da IA substituir a autonomia humana, dificultar a resolução de problemas sem apoio tecnológico e até impactar negativamente a qualidade dos novos modelos de treinamento, e apesar de menos frequentes, essas percepções revelam uma consciência crítica sobre os limites e potenciais consequências do uso indiscriminado destas tecnologias.

Conforme a Tabela 3, os participantes identificaram como principais benefícios da IA na formação acadêmica, o apoio aos estudos para provas e a melhor compreensão dos conteúdos (64,6%), seguidos pela capacidade de agilizar tarefas (21,5%) e de fornecer, de forma rápida, resumos e explicações (20%). Esses resultados reforçam a percepção de Pedro *et al.* (2025) da IA como ferramenta que otimiza o tempo e amplia a autonomia dos estudantes, funcionando como recurso complementar ao processo de aprendizagem disponível a qualquer momento em que o estudante busque.

Tabela 3 - Pontos positivos quanto ao uso da IA na formação acadêmica

Pontos positivos à formação	Nº de respostas
Para estudos de provas e ter melhor compreensão dos conteúdos	42 (64,6%)
Agiliza as tarefas	14 (21,5%)
Resumos e explicações	13 (20%)
Por ser uma ferramenta de busca (trabalhos, artigos etc)	4 (6,1%)
Correção de textos, referências	3 (4,6%)
Para traduções	2 (3%)
A universidade poderia contribuir com a contratação dos alunos no mercado se capacitasse através de cursos o uso de ferramentas de IA	2 (3%)

Fonte: autoria própria (2026).





Por outro lado, também foram apontados pontos negativos relevantes, Tabela 4, o mais recorrente foi o risco de dependência (30,7%), seguido por preocupações com informações incorretas sem fonte (13,8%) e a possibilidade de redução da atividade cognitiva e do senso crítico (12,3%). Além disso, alguns mencionaram comodismo e falta de interesse (10,7%), o que sugere que o uso indiscriminado da IA pode levar à aprendizagem superficial.

A maioria dos participantes acredita que a IA pode substituir algumas funções humanas (53,8%), enquanto 18,4% consideram que pode substituir muitas. Em contrapartida, 26,1% entendem que a IA apenas complementa, sem substituir totalmente, e uma pequena parcela diz nunca ter refletido sobre o tema. Esses dados revelam uma percepção equilibrada, que vem ao encontro de Trindade e Oliveira (2024), sobre a importância do reconhecimento do potencial da IA em automatizar tarefas, mas também consciência de que ela não substitui integralmente a atuação humana, especialmente em atividades que exigem julgamento crítico e criatividade.

Apenas 16,9% afirmaram que a IA substitui a explicação dos professores, isso indica que, embora seja vista como um importante recurso complementar, ainda não é considerada capaz de substituir totalmente a mediação docente. Além disso, uma pequena parcela (4,6%) declarou não perceber diferença significativa no uso, sugerindo que a eficácia pode variar conforme o perfil do estudante ou a forma de uso.

Tabela 4 - Pontos negativos quanto ao uso da IA na formação acadêmica

Pontos negativos à formação	Nº de respostas
Dependência	20 (30,7%)
Informações incorretas e sem fonte	9 (13,8%)
Atividade cognitiva e senso crítico reduzido	8 (12,3%)
Comodismo e falta de interesse	7 (10,7%)
Falsa sensação de domínio sobre o conteúdo	4 (6,1%)
Facilidade em que se tem as respostas	2 (3%)
O acadêmico não ter interesse em aprender e somente usar as respostas	2 (3%)
Plágio	1 (1,5%)
Vazamento de informações	1 (1,7%)
Nenhuma	4 (6,8%)

Fonte: autoria própria (2026).





Quanto à oferta de cursos voltados a utilização de ferramentas de IA, pela universidade os respondentes mostram grande interesse, pois 56,9% afirmaram que com certeza participariam de cursos voltados ao uso produtivo da IA, e outros 40% disseram que talvez participariam, dependendo da ferramenta a ser ensinada, estes resultados evidenciam que os estudantes não apenas utilizam a IA em seu cotidiano, mas também reconhecem a importância da capacitação formal para explorar seu potencial de forma ética e eficiente.

Quando questionados sobre a possibilidade de a IA corrigir provas e trabalhos, conforme a Tabela 5, a maioria dos estudantes afirmou preferir que o professor realizasse a correção (40%), reforçando a importância da mediação humana no processo educacional; os demais (29,2%) consideraram que, dependendo da disciplina, o uso da IA poderia ser adequado, especialmente em áreas mais objetivas, mas, em caso contrário, seria injusto. Esses resultados corroboram a visão supracitada de Trindade e Oliveira (2024) no que concerne ao fato de que a visão crítica humana ainda pode ser mais justa do que a automatizada por IAs; assim, nem todas as funções humanas são passíveis de serem substituídas por essas tecnologias.

No que se refere ao uso de dados e informações pessoais em sistemas de IA, 61,5% dos participantes demonstraram preocupação, especialmente com informações acadêmicas, como notas e hábitos de estudo, enquanto 18,4% disseram não se preocupar. Esse dado revela que, além das questões pedagógicas, há também inquietações éticas e de privacidade associadas ao uso da IA.

Tabela 5 - Percepção dos acadêmicos acerca da ideia da IA corrigir provas e trabalhos.

Se a IA corrigisse trabalhos, seria	Nº de respostas
Prefiro que o professor avalie	26 (40%)
Dependendo a situação/ou disciplina sim	19 (29,2%)
Injusto, pois não consideraria respostas parciais	10 (15,3%)
Mais objetivo, rápido e justo	3 (4,6%)
Não seria uma decisão sábia	2 (3%)
Seria bom, mas precisaria ainda da supervisão de um professor	2 (3%)
Seria mais rápido, porém o modelo teria que ser ético e diversificado para	1 (1,5%)





diversas formas de respostas e escritas

Funcional para matérias exatas, mas não para interpretativas ou dissertativas 1 (1,5%)

Fonte: autoria própria (2026).

Freire et al. (2026) em sua pesquisa discutem a existência de uma preocupação significativa com a privacidade dos dados, segundo a qual 85% dos profissionais participantes concordam totalmente que a IA deve ser regulada por uma legislação específica para proteger direitos fundamentais, incluindo a privacidade. Os resultados obtidos por estes pesquisadores indicam que o uso de IA no Brasil traz sérias inquietações.

Entre os 65 participantes desta pesquisa que fazem uso de IA, 61,5% relataram já ter tido experiências negativas com o uso da IA, enquanto 13,8% afirmaram não ter enfrentado problemas. As dificuldades mais recorrentes descritas foram a ocorrência de respostas incorretas (15,3%), a invenção de dados ou repasse de informações imprecisas ou não confiáveis (15,3%), e a dificuldade da IA em compreender corretamente as perguntas (10,7%). Também foram mencionados casos da IA apontar referências inexistentes ou incorretas (6,1%).

De acordo com Freire *et al.* (2026) a IA é vulnerável a erros, pois os sistemas de IA diferem dos humanos por não compreenderem as várias nuances das situações, o que a torna suscetível a erros imprevisíveis, e também tem a questão dos algoritmos (famosa "caixa-preta"), onde muitas vezes nem o criador consegue explicar como um resultado foi obtido, o que alinha à dificuldade da IA em "compreender" perguntas ou fornecer referências corretas mencionadas no seu texto.

A preocupação com esses pontos vem ao encontro de Jurado *et al.* (2025), que dizem que a integração da IA generativa no ambiente acadêmico amplia significativamente os dilemas éticos, colocando a integridade acadêmica no centro do debate pedagógico. Ademais, expressam preocupações recorrentes com a desonestidade acadêmica, destacando a dificuldade em estabelecer fronteiras precisas entre o auxílio legítimo da tecnologia e a prática





de plágio. Diante desse cenário, os autores mencionam que é urgente o desenvolvimento de diretrizes institucionais que promovam um uso responsável e crítico.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho de pesquisa percebeu-se que as ferramentas de IA são recursos amplamente utilizados na rotina dos acadêmicos da UTFPR-DV, dado que 95,5% dos participantes relatam fazê-las uso. Provavelmente, pelo fato da amostra ser majoritariamente composta por jovens, pois 70,5% tinham entre 18 e 22 anos. Observou-se, com os dados obtidos, um engajamento significativo com as IAs generativas, especialmente com ferramentas de interação textual, como o ChatGPT (92,3%) e o Gemini (83,0%).

A frequência de uso das ferramentas de IA entre os respondentes é elevada: mais da metade dos participantes (55,3%) as utiliza diariamente, principalmente para resolver problemas (78,4%) e buscar informações (73,8%). Contudo, não foram relatados apenas benefícios pelos respondentes, 73,8% dizem já ter se deparado com informações incorretas e 55,3% com referências inexistentes, o que compromete a confiabilidade acadêmica.

No que se refere aos impactos na aprendizagem, a maioria dos estudantes reconhece o papel da IA como um importante suporte aos estudos, que possibilita, principalmente, economia de tempo (81,5%) e melhora na compreensão de conteúdos (76,9%), mas ao mesmo tempo estes apontam dilemas éticos e de autonomia, pois 61,5% dos acadêmicos participantes da pesquisa demonstram preocupação com o uso de seus dados pessoais e 64,6% acreditam que a tecnologia pode gerar dependência excessiva, demonstrando uma percepção crítica dos respondentes.

Essa percepção, aliada ao fato que 40% dos estudantes pesquisados ainda preferem que a correção de provas e trabalhos seja realizada pessoalmente por professores, reforça a ideia de que a IA é vista como um recurso complementar, e não substitutivo, ao desenvolvimento intelectual humano. Assim, a importância do professor, a ética e o julgamento crítico permanecem pilares indispensáveis da educação.





Estes resultados reforçam que, embora a IA seja amplamente utilizada e percebida como benéfica pelos estudantes participantes, sua aplicação em contextos acadêmicos exige cautela: tanto para evitar a dependência quanto para realizar checagem crítica dos dados gerados por IA, a fim de não comprometer a qualidade da aprendizagem por meio de conhecimentos meramente superficiais. Além disso, o uso pode envolver questões éticas, como plágio e a apresentação de informações inexistentes.

Assim, se a UTFPR-DV oferecesse cursos de capacitação formal sobre o uso da IA, 56,9% dos participantes se mostraram diretamente interessados, o que indica que é latente o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que orientem o uso dessas tecnologias, bem como de diretrizes institucionais, garantindo que a IA atue como um potencializador da inteligência humana e não como uma fonte de dependência intelectual e de desonestidade acadêmica.

Por fim, apesar dos resultados relevantes, esta pesquisa apresenta limitações que precisam ser consideradas, considerando que o estudo foi realizado apenas com 68 estudantes de um único campus da UTFPR com participação desigual entre os cursos, o que restringe a generalização dos achados para outros contextos acadêmicos. Além disso, o uso de questionário online pode ter levado a respostas superficiais. Para pesquisas futuras, sugere-se ampliar a amostra, bem como adotar métodos qualitativos, que permitam aprofundar a compreensão sobre o impacto da IA na aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Fundação Araucária pela concessão da bolsa de pesquisa, cujo apoio financeiro e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento e a realização deste trabalho, e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná pelo ambiente acadêmico que possibilitou a concretização desta pesquisa.





REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, C. C.; SILVA, G. F. Novos desafios para a educação na era da inteligência artificial. **Filosofia Unisinos**, v. 25, n. 1, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2026.

CAMPOS, L. F. A. A.; LASTÓRIA, L. A. C. N. Semiformação e inteligência artificial no ensino. **Pro-Posições**, v. 31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/RMMLt3y3cwPs9f4cztTtMSv/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2026.

FREIRE, J. M. de V. F.; PINTO, J. B. B.; SIMÕES, E. A.; GALEGALE, N. V. Implicações do uso de inteligência artificial na proteção de dados pessoais no Brasil. **Navus**, v. 18, p. 1-24, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22279/navus.v18.2111>. Acesso em: 1 jul. 2026.

JURADO, R. G.; ZWIEREWICZ, M.; BAADE, J. H.; MAZZURANA, E. R.; ALMEIDA, A. L. R.; PRIGOL, E. L. Percepções de professores sobre a inteligência artificial generativa no ensino superior: evidências no Brasil e na Suécia. **Lumen et Virtus**, v. 16, n. 54, p. 1-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/levv16n54-144>. Acesso em: 1 jul. 2026.

LAPIN – LABORATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERNET. **Cartilha: noções gerais de inteligência artificial**. [S. l.]: LAPIN, 2021. Disponível em: <https://lapin.org.br/2021/02/10/cartilha-nocoes-gerais-de-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOPES, L. V. S.; MESSIAS, S. B.; SANTOS, C. V. A.; BARBOSA, N. A. C.; SANTOS JUNIOR, P. S. R.; SANTANA, E. S.; CUNHA, D. N. A crise da avaliação tradicional na era da IA generativa: desafios e possibilidades para o letramento crítico. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 32, p. 1-24, 2026. DOI: <https://doi.org/10.70773/revistatopicos/777243189>. Acesso em: 22 jun. 2026.

MOSSIN, E. A.; MARTINS, G. A.; GOUVEIA, R. C.; PANTONI, R. P. Reflexões sobre a inteligência artificial à luz dos fundamentos da educação profissional e tecnológica. **Educação em Revista**, v. 41, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469853835>. Acesso em: 25 maio 2026.





OPENAI. **ChatGPT** (versão 4.0) [software]. [S. l.]: OpenAI, 2026. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 24 jun. 2026.

PEDRO, F. X.; ROSA, C. T. W.; DALBOSCO, C. A. Metacognição e inteligência artificial: evidências bibliométricas no campo educacional. **Educação & Sociedade**, v. 46, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.297422>. Acesso em: 22 jun. 2026.

PICALHO, A. C.; OLIVEIRA, G. R.; CATIVELLI, A. S. Inteligência artificial no levantamento bibliográfico em bases de dados científicas: comparando expressões de busca no ChatGPT, Copilot e Gemini. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 23, 2025. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v23i00.8678378>. Acesso em: 22 jun. 2026.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, J. (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. [S. l.]: Artmed, 2010. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/170/155>. Acesso em: 1 jul. 2026.

SOBREIRA, V. Um panorama da história da inteligência artificial e suas aplicações na pesquisa histórica. **Varia Historia**, v. 41, p. 1-32, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/rBFnX4gCZ4N8fcRt6mjxbFQ/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2026.

TEIXEIRA, M. F. H. B. I. A utilização de inteligência artificial (IA) por estudantes universitários: uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, v. 11, n. 4, 2025. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv11n4-037>. Acesso em: 22 jun. 2026.

TRINDADE, A. S. C. E.; OLIVEIRA, H. P. C. Inteligência artificial (IA) generativa e competência em informação: habilidades informacionais necessárias ao uso de ferramentas de IA generativa em demandas informacionais de natureza acadêmico-científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/47485>. Acesso em: 26 maio 2026.

Recebido em: 03/08/2026

Aprovado em: 22/08/2026

Publicado em: 11/09/2026

